

PRÁTICAS DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO EM INCUBADORAS DE BASE TECNOLÓGICA: UM ESTUDO APLICADO NO ECOSISTEMA DE INOVAÇÃO CATARINENSE

Eurizon Oliveira Neto   

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Ana Clara Cândido   

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

RESUMO

Este artigo investiga as práticas de Gestão da Informação (GI) em incubadoras de negócios de base tecnológica em Santa Catarina, com o objetivo de compreender como essas práticas se manifestam no contexto organizacional das incubadoras. A pesquisa, de natureza qualitativa, aplicada e exploratória, foi realizada com 15 incubadoras do estado, por meio de questionário semiestruturado, validado por especialistas. Para a análise dos dados, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo. Os resultados evidenciaram práticas recorrentes relacionadas ao uso de plataformas digitais colaborativas, à realização periódica de reuniões informacionais e à formalização dos processos informacionais. Entretanto, essas práticas apresentaram diferentes níveis de adoção, formalização e integração estratégica entre as organizações investigadas. Fundamentado nos modelos teóricos de Davenport (1998), Choo (2003; 2006), Beal (2004) e Valentim (2002), o estudo indica que a Gestão da Informação nas incubadoras envolve a articulação entre aspectos tecnológicos, organizacionais e humanos. Como contribuição prática, são apresentadas sete iniciativas elaboradas a partir da articulação entre as evidências empíricas e o referencial teórico, voltadas ao aprimoramento dos processos informacionais. Conclui-se que as incubadoras investigadas apresentam diferentes níveis de institucionalização da Gestão da Informação, evidenciando a heterogeneidade das práticas informacionais nesse contexto.

Palavras-chave: Gestão da Informação. Incubadoras de Empresas. Inovação. Startups. Ambientes Informacionais.

INFORMATION MANAGEMENT PRACTICES IN TECHNOLOGY-BASED INCUBATORS: AN APPLIED STUDY IN THE INNOVATION ECOSYSTEM OF SANTA CATARINA

ABSTRACT

This article investigates Information Management (IM) practices in technology-based business incubators in Santa Catarina, aiming to understand how these practices are manifested within the organizational context of incubators. The research, characterized as qualitative, applied, and exploratory, was conducted with 15 incubators in the state through a semi-structured questionnaire validated by experts. Data were analyzed using content analysis. The results revealed recurring practices related to the use of collaborative digital platforms, periodic informational meetings, and the formalization of information processes. However, these practices presented different levels of adoption, formalization, and strategic integration among the organizations investigated. Grounded in the theoretical models of Davenport (1998), Choo (2003; 2006), Beal (2004), and Valentim (2002), the study indicates that Information Management in incubators involves the articulation of technological, organizational, and human aspects. As a practical contribution, seven initiatives are presented, developed from the articulation between empirical evidence and the theoretical framework, aimed at improving information management processes. It is concluded that the investigated incubators present different levels of Information Management institutionalization, highlighting the heterogeneity of information practices in this context.

Keywords: Information Management. Business Incubators. Innovation. Startups. Informational Environments.

DOI <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/59935>

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

data-available-upon-request – Os dados de pesquisa só estão disponíveis mediante solicitação.

Recebido em: 26/06/2025

Aceito em: 12/08/2026

Editora Chefe: Lorena Tavares de Paula  

1 INTRODUÇÃO

A Gestão da Informação (GI) emerge como um elemento crucial em ambientes organizacionais voltados à inovação, especialmente nas incubadoras de negócios de base tecnológica, onde a dinâmica de mercado e a constante evolução tecnológica exigem decisões rápidas e informadas (Beal, 2004; Choo, 2003, 2006; Davenport, 1998; Valentim, 2002). Esses ambientes inovadores são caracterizados pela necessidade contínua de capturar, organizar, disseminar e utilizar informações estratégicas para potencializar a competitividade das *startups* incubadas e maximizar o sucesso organizacional.

Em Santa Catarina, as incubadoras desempenham um papel central na promoção da inovação regional, sendo reconhecidas como catalisadoras importantes no desenvolvimento econômico e tecnológico (ACATE, 2021). No entanto, apesar da relevância dessas organizações, persistem desafios significativos relacionados à gestão eficaz da informação. Problemas como a subutilização das tecnologias disponíveis, baixa formalização de processos e dificuldades no compartilhamento eficiente de informações têm sido identificados, gerando lacunas que comprometem o desempenho operacional das incubadoras e o desenvolvimento das *startups* apoiadas.

Neste contexto, o problema central abordado neste artigo é: quais são as práticas eficazes de GI adotadas pelas incubadoras de base tecnológica em Santa Catarina que contribuem para o fortalecimento do ambiente inovador? O objetivo principal deste artigo é apresentar e discutir essas práticas eficazes identificadas a partir de um estudo empírico, destacando como elas podem contribuir para aprimorar a gestão informacional e, consequentemente, potencializar o desempenho das incubadoras e das *startups* nelas inseridas.

Este estudo justifica-se pela importância estratégica da GI para o sucesso organizacional em incubadoras de base tecnológica, especialmente em contextos regionais altamente competitivos e inovadores, como o de Santa Catarina. Além disso, contribui tanto para a teoria quanto para a prática ao identificar e discutir práticas informacionais específicas que podem servir como referência para gestores e pesquisadores interessados em inovação, gestão do conhecimento e ciência da informação.

Dessa forma, a relevância deste artigo reside na possibilidade de preencher uma lacuna teórica ao oferecer insights sobre práticas eficazes de

GI, assim como propor recomendações práticas aplicáveis a outras incubadoras de negócios de base tecnológica que enfrentam desafios similares no âmbito informacional.

2 APRESENTAÇÃO DA TEMÁTICA CENTRAL DO ESTUDO

A GI constitui um campo estratégico que envolve práticas organizadas de coleta, tratamento e uso da informação para apoiar decisões e promover a inovação. Em ambientes dinâmicos, como as incubadoras de negócios de base tecnológica, a GI ganha ainda mais relevância ao articular tecnologias, pessoas e processos em prol da criação de valor. Como destacam Choo (2003) e Davenport (1998), gerir a informação de forma eficaz é essencial para que as organizações desenvolvam inteligência, agilidade e capacidade de adaptação. A seguir, são abordados os conceitos fundamentais da GI, seu papel em contextos inovadores e os principais modelos teóricos que orientam sua aplicação.

2.1 Gestão da Informação: conceitos fundamentais

A GI desempenha um papel relevante nas organizações modernas, abrangendo práticas integradas e sistemáticas de coleta, organização, armazenamento, recuperação e disseminação estratégica da informação, fundamentais para apoiar as decisões operacionais e estratégicas (Choo, 2003; Davenport, 1998). Para Davenport (1998), gerenciar a informação significa assegurar que dados relevantes sejam acessíveis oportunamente e estejam organizados de maneira eficaz, contribuindo para processos decisórios ágeis e eficientes.

Essa ênfase tecnológica e processual não esgota, contudo, as possibilidades de compreensão da GI. Choo (2003, 2006) parte de uma perspectiva distinta ao destacar que a busca, a interpretação e o uso da informação são influenciados pelas experiências, necessidades e condições cognitivas e situacionais dos indivíduos. Enquanto Davenport (1998) enfatiza a estruturação dos ambientes, fluxos e recursos informacionais, Choo (2003, 2006) desloca a atenção para os processos pelos quais os sujeitos atribuem significado à informação e a incorporam às práticas organizacionais. As duas abordagens, portanto, podem ser compreendidas como complementares: uma contribui

para explicar as condições estruturais de circulação da informação, enquanto a outra evidencia os fatores humanos e comportamentais que condicionam sua apropriação e uso.

Além do manejo eficiente dos dados, Choo (2003) destaca que uma boa GI deve promover o aprendizado contínuo e incentivar o compartilhamento de conhecimento organizacional. Para este autor, o conhecimento coletivo, impulsionado por práticas informacionais estruturadas, constitui um recurso estratégico essencial para que as organizações possam sustentar vantagens competitivas no longo prazo. Complementarmente, Beal (2004) ressalta a necessidade de processos abrangentes que vão desde a identificação das necessidades informacionais até o uso efetivo dessas informações, ressaltando que a GI deve estar diretamente alinhada aos objetivos estratégicos e às demandas específicas dos usuários internos.

Neste contexto, torna-se imprescindível entender a GI não apenas como um mecanismo operacional, mas como um fator estratégico relacionado ao desempenho organizacional (Rezende, 2002). Mendonça e Varvakis (2018) reforçam essa ideia, ao destacar a importância da transformação de dados em informações úteis para a tomada de decisão, especialmente em ambientes dinâmicos e inovadores, como as incubadoras de negócios.

Embora esses referenciais tenham contribuído de forma significativa para a consolidação teórica da GI, sua aplicação em ambientes organizacionais menores, mais dinâmicos e com diferentes graus de formalização requer atenção às particularidades do contexto. Fonseca, Barbosa e Pereira (2019) apontam que os estudos sobre comportamento e uso da informação em organizações têm privilegiado, historicamente, estruturas organizacionais mais consolidadas, permanecendo menos explorados contextos marcados por maior volatilidade, restrição de recursos e necessidade constante de adaptação, como *startups* e ambientes de incubação. Essa condição reforça a pertinência de analisar como os princípios da GI se manifestam em organizações que operam com estruturas mais enxutas e fluxos informacionais menos institucionalizados.

Nesse contexto, a GI deve ser compreendida como uma articulação entre componentes tecnológicos, humanos e organizacionais, especialmente em ambientes como as incubadoras de base tecnológica, caracterizados por

mudanças frequentes, necessidade de adaptação e intensa circulação de informações. Assim, mais do que controlar dados, a GI busca gerar valor a partir do uso estratégico da informação (Laudon; Laudon, 1996).

2.2 Gestão da Informação em ambientes inovadores: o contexto das incubadoras

As incubadoras de negócios, particularmente aquelas voltadas à base tecnológica, são caracterizadas por ambientes complexos, dinâmicos e orientados à inovação (Storopoli; Binder; Maccari, 2013). Nesses contextos, a GI assume relevância estratégica, uma vez que as decisões relacionadas ao desenvolvimento das *startups* precisam ser apoiadas por informações confiáveis, atualizadas e adequadas às necessidades dos diferentes atores envolvidos (Burtet; Fontanela, 2022; Hackett; Dilts, 2004). Conforme destacado por Belluzzo (2017) e Bedin (2018), *startups* incubadas frequentemente enfrentam limitações relacionadas à experiência, aos recursos disponíveis e à estruturação de processos informacionais, reforçando o papel das incubadoras como organizações de apoio também no âmbito informacional.

Conforme apontam Sena, Vianna e Blattmann (2019), esses contextos demandam uma compreensão ampliada da informação, considerando tanto mecanismos formais quanto práticas informais de compartilhamento.

Para Braga (2000), as incubadoras têm na GI um componente relevante para facilitar a comunicação interna, apoiar processos decisórios e fortalecer sua relação com o ambiente externo. Pereira (2023) acrescenta que competências informacionais são fundamentais para que essas organizações promovam a circulação de informações e conhecimentos em suas redes internas e externas, ampliando sua capacidade de interação e desenvolvimento.

Ferreira *et al.* (2008), por outro lado, destacam que muitas incubadoras ainda enfrentam desafios relacionados ao suporte à gestão empresarial, especialmente em razão das dificuldades de integração estratégica das informações. Nesse sentido, compreender as práticas de GI nas incubadoras torna-se relevante não apenas para o apoio às *startups* incubadas, mas também para compreender como essas organizações estruturam seus próprios

processos informacionais enquanto atores dos ecossistemas de inovação (Hackett; Dilts, 2004; Mian; Lamine; Fayolle, 2016).

Nesse cenário, destaca-se o papel mediador da incubadora como articuladora de fluxos informacionais entre atores internos, como *startups*, gestores e mentores, e externos, como universidades, investidores e instituições governamentais. Essa posição intermediária evidencia uma tensão entre formalização e flexibilidade: ao mesmo tempo em que as incubadoras necessitam estruturar processos capazes de atender múltiplos empreendimentos, também operam em ambientes caracterizados por mudanças frequentes, interação em rede e diferentes níveis de organização dos fluxos informacionais.

Essa configuração reforça a necessidade de compreender a circulação da informação de forma ampliada, considerando a coexistência entre mecanismos formais e práticas informais de compartilhamento. Além disso, a descentralização informacional e o estímulo à autonomia das *startups* na busca, análise e uso da informação podem favorecer ambientes colaborativos, conforme discutido por Pereira (2023).

A GI, nesse contexto, deixa de ser compreendida como um processo exclusivamente técnico e passa a assumir uma dimensão estratégica e relacional, permitindo às incubadoras desenvolver capacidades de adaptação diante das mudanças do ambiente externo (Teece, 2007). Assim, a análise das práticas informacionais nesses ambientes requer considerar simultaneamente aspectos tecnológicos, organizacionais e humanos, especialmente em contextos nos quais a formalização dos processos convive com mecanismos mais flexíveis e relacionais de circulação da informação.

2.3 Modelos e frameworks relevantes para Gestão da Informação em incubadoras

Modelos teóricos de GI desempenham papel essencial na consolidação de práticas eficazes em ambientes organizacionais inovadores, como as incubadoras de negócios de base tecnológica. Entre os referenciais mais pertinentes para esse contexto, destacam-se as contribuições de Davenport (1998), Choo (2003, 2006), Beal (2004) e Valentim (2002), cujas abordagens

oferecem subsídios consistentes para a estruturação de estratégias informacionais alinhadas às exigências de ambientes dinâmicos e complexos.

O modelo de Davenport (1998) enfatiza o papel estratégico das tecnologias da informação e dos sistemas de informação na otimização do fluxo informacional. Nessa perspectiva, o uso inteligente de recursos tecnológicos permite o acesso oportuno a dados relevantes, o que contribui para decisões mais ágeis e fundamentadas em evidências. Esse fator é particularmente crítico na atuação das incubadoras, que precisam responder com rapidez às demandas dos empreendimentos apoiados.

Choo (2003, 2006), por sua vez, propõe um modelo centrado na criação, organização e compartilhamento do conhecimento organizacional. Ele argumenta que a gestão eficaz da informação depende de uma cultura voltada ao aprendizado contínuo e à adaptação às mudanças do ambiente externo. Essa abordagem é especialmente relevante para as incubadoras, pois estabelece uma conexão direta entre o uso estratégico da informação e a capacidade de inovação.

Embora Davenport (1998) enfatize principalmente os aspectos relacionados à estruturação dos fluxos informacionais e ao suporte tecnológico, Choo (2003, 2006) amplia essa compreensão ao destacar os processos humanos de interpretação, aprendizagem e construção de significado.

Como discutido anteriormente, essas abordagens são complementares: Davenport (1998) oferece a estrutura pela qual a informação circula, enquanto Choo (2003, 2006) explica os processos humanos de sua apropriação. Essa complementaridade se reflete também na proposta de Beal (2004), que amplia o escopo da GI ao abordar o ciclo completo da informação, desde a identificação das necessidades até sua utilização no processo decisório. Seu modelo destaca a importância da formalização dos processos informacionais e da existência de canais estruturados de comunicação interna, assegurando consistência e confiabilidade na circulação das informações organizacionais.

Entretanto, estudos aplicados em contextos de inovação indicam que a gestão dos fluxos informacionais não depende exclusivamente de mecanismos formais, mas também da articulação entre diferentes canais tecnológicos, documentais e relacionais. Araújo, Silva e Varvakis (2017) evidenciam que a efetividade desses fluxos está relacionada à integração entre diferentes formas

de circulação da informação, relativizando uma compreensão baseada apenas na formalização dos processos.

Como complemento, Valentim (2002) oferece uma perspectiva estruturante da GI, ao propor sua análise a partir de três dimensões: a estrutura organizacional formal, os recursos humanos e a estrutura informacional. Para o autor, a integração dessas esferas é fundamental para garantir a fluidez dos fluxos informacionais e a eficácia na gestão do conhecimento, o que é especialmente estratégico no contexto das incubadoras de base tecnológica.

A articulação entre esses modelos evidencia que a GI envolve dimensões tecnológicas, processuais, humanas e organizacionais, que precisam ser analisadas de forma integrada em ambientes inovadores. Entretanto, apesar da relevância desses referenciais para a compreensão da GI, sua aplicação em contextos como incubadoras de negócios de base tecnológica ainda demanda maior aprofundamento empírico. Estudos recentes apontam que ambientes de inovação apresentam fluxos informacionais marcados pela interação entre diferentes atores, fontes e mecanismos de compartilhamento, exigindo interpretações contextualizadas da GI (Damian *et al.*, 2025). Nesse sentido, esta pesquisa busca contribuir para essa discussão ao analisar como práticas de GI se manifestam no cotidiano de incubadoras catarinenses, identificando aproximações e particularidades em relação aos modelos consolidados na literatura.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa é caracterizada como qualitativa, aplicada e exploratória (Prodanov; Freitas, 2013), fundamentando-se na perspectiva da GI em incubadoras de negócios de base tecnológica. A abordagem qualitativa foi adotada em virtude de sua adequação para compreender, em profundidade, as práticas informacionais adotadas nesse contexto, possibilitando a investigação de significados, percepções e a identificação de nuances da realidade cotidiana das incubadoras (Marconi; Lakatos, 2010).

O estudo foi conduzido em incubadoras de negócios de base tecnológica sediadas no estado de Santa Catarina. Essa escolha se justifica pela relevância do ecossistema local, reconhecido nacionalmente por seu

dinamismo em inovação, pela presença expressiva de incubadoras e pelo estímulo consistente ao empreendedorismo de base tecnológica (ACATE, 2021).

Participaram da pesquisa gestores com responsabilidade direta sobre a administração das incubadoras, escolhidos como respondentes por possuírem conhecimento sobre os processos internos, as práticas informacionais, os desafios enfrentados e as estratégias adotadas pelas organizações. Em julho de 2024, foi realizado um levantamento das incubadoras de negócios de base tecnológica em atividade no estado de Santa Catarina, por meio do qual foram identificadas 25 organizações. Todas as incubadoras identificadas foram convidadas a participar da pesquisa. Como critério de elegibilidade, considerou-se a atuação como incubadora de negócios de base tecnológica em Santa Catarina e a disponibilidade institucional para participação. A amostra final foi constituída pelas 15 incubadoras que responderam ao instrumento, correspondendo a 60% do universo identificado. As organizações participantes contemplaram diferentes regiões e perfis organizacionais do estado (SEBRAE; ANPROTEC, 2020; Azevedo; Teixeira, 2018).

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário semiestruturado, elaborado com base na revisão da literatura e ajustado para atender aos objetivos específicos desta pesquisa. O instrumento foi submetido à validação por juízo de especialistas, contando com a análise de três docentes pesquisadores da área de Ciência da Informação e Gestão da Inovação, com experiência em métodos qualitativos e temas correlatos. Os critérios adotados para validação incluíram: clareza das perguntas, coerência teórico-metodológica, abrangência temática e pertinência em relação aos objetivos da pesquisa. Após a validação, foi realizado um teste piloto com duas incubadoras não participantes da amostra final, o que possibilitou ajustes no vocabulário e na organização das seções.

O questionário final foi estruturado em blocos temáticos, abordando desde características institucionais das incubadoras até práticas específicas de GI, como o uso de plataformas colaborativas, a existência de processos formalizados, a periodicidade de reuniões informacionais e os principais desafios enfrentados na gestão cotidiana da informação (Santos, 2021; Vale, 2021).

A coleta ocorreu entre dois de agosto e nove de setembro de 2024. O questionário foi inicialmente encaminhado por correio eletrônico às 25

incubadoras identificadas. Durante a segunda quinzena de agosto, foram realizados contatos telefônicos com as organizações que ainda não haviam respondido, com o objetivo de identificar os gestores responsáveis e reforçar o convite à participação. Ao término do período de coleta, foram obtidas respostas de 15 incubadoras, resultando em uma taxa de resposta de 60%.

Para a análise dos dados, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), considerando as etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento e interpretação dos resultados. Na pré-análise, as respostas foram organizadas e submetidas à leitura sistemática, buscando reconhecer recorrências, diferenças e conteúdos relacionados aos objetivos da pesquisa. Na exploração do material, a análise foi orientada por categorias relacionadas às dimensões contempladas no instrumento, entre elas recursos tecnológicos, compartilhamento de informações, formalização dos processos informacionais, integração estratégica e desafios relacionados à GI. Essas categorias apresentavam vinculação com o referencial teórico e com os blocos temáticos do questionário, sem excluir a identificação de elementos emergentes nas respostas abertas. Na etapa de tratamento e interpretação, as evidências foram sistematizadas e confrontadas com os referenciais teóricos adotados, buscando identificar convergências, divergências e particularidades entre as incubadoras investigadas.

Como limitação metodológica, destaca-se a ausência de observação direta das rotinas organizacionais, o que poderia ter permitido uma compreensão mais ampla do uso prático das informações. Também não foi realizada triangulação de dados com outras fontes, como documentos internos ou entrevistas com incubados, o que restringe a análise a uma única perspectiva, dos gestores. Tais limitações delimitam o alcance interpretativo dos resultados e indicam caminhos para estudos futuros que busquem aprofundar a análise por meio da incorporação de múltiplas fontes de evidência.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO: AS INICIATIVAS DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO

A análise dos dados obtidos junto às 15 incubadoras de negócios de base tecnológica investigadas permitiu identificar práticas recorrentes relacionadas à GI, com diferentes níveis de adoção e formalização. Entre os aspectos observados, destacaram-se o uso de plataformas digitais colaborativas, a

realização de reuniões periódicas para compartilhamento de informações e a existência de procedimentos voltados à organização dos processos informacionais. Os resultados evidenciam, contudo, que essas práticas não se apresentam de maneira homogênea entre as incubadoras, indicando diferentes níveis de estruturação e integração da GI no contexto investigado.

No que se refere aos recursos tecnológicos empregados na GI, nove das 15 incubadoras investigadas (60,0%) indicaram utilizar plataformas de colaboração online entre seus principais sistemas ou ferramentas. O mesmo percentual foi observado quando os gestores foram questionados especificamente sobre as formas de compartilhamento interno das informações, uma vez que nove incubadoras (60,0%) assinalaram o uso de plataformas colaborativas online. Os dados evidenciam, portanto, a presença dessas ferramentas em parcela relevante das organizações pesquisadas, embora sua adoção não seja uniforme no conjunto investigado.

As respostas abertas também permitem observar como esses recursos são incorporados às rotinas informacionais. Um dos gestores relatou: "Atualmente utilizamos a plataforma do *Airtable* para centralização e gestão dos processos da incubadora" (11). O relato evidencia que as plataformas digitais são utilizadas não apenas como ferramentas de comunicação, mas como mecanismos de organização, centralização e disponibilização das informações relacionadas aos processos internos. Essa evidência reforça a compreensão de Davenport (1998) de que a tecnologia, embora relevante para a GI, não produz valor informacional de forma isolada, sendo sua contribuição condicionada à articulação com processos, pessoas e práticas organizacionais.

Essa relação entre recursos tecnológicos e práticas informacionais assume particular relevância em ambientes de inovação, nos quais a circulação de informações ocorre em contextos dinâmicos e sujeitos a constantes transformações. Conforme discutem Sena, Vianna e Blattmann (2019), ambientes associados ao empreendedorismo inovador, como *startups* e incubadoras, demandam estruturas informacionais capazes de acompanhar fluxos diversificados de informação e diferentes necessidades dos atores envolvidos. Assim, os resultados encontrados sugerem que a adoção de plataformas colaborativas pelas incubadoras investigadas representa um mecanismo de apoio à organização dos fluxos informacionais, embora sua

presença, isoladamente, não permita inferir níveis mais elevados de institucionalização ou maturidade da GI.

A realização periódica de reuniões periódicas apresentou elevada recorrência entre as incubadoras investigadas. Das 15 participantes, 13 (86,7%) indicaram realizar reuniões periódicas como uma das formas de promover o compartilhamento de informações entre as *startups* incubadas. No âmbito interno das próprias incubadoras, 12 organizações (80,0%) também assinalaram as reuniões periódicas entre os mecanismos utilizados para o compartilhamento de informações. Esses resultados indicam que as interações presenciais ou síncronas permanecem relevantes para a circulação da informação, mesmo em um contexto marcado pela utilização de plataformas digitais.

A elevada recorrência das reuniões periódicas nos dois níveis de compartilhamento investigados, entre a incubadora e as *startups* e no ambiente interno da organização, evidencia que os fluxos informacionais das incubadoras combinam recursos digitais e práticas de interação direta. Sob a perspectiva de Beal (2004), a GI envolve processos estruturados que possibilitam a disponibilização e o uso da informação pelos diferentes atores organizacionais, considerando suas necessidades e objetivos. Nesse contexto, os resultados sugerem que as reuniões constituem mecanismos relacionais utilizados pelas incubadoras para favorecer a circulação, interpretação e alinhamento das informações, atuando de forma complementar às ferramentas tecnológicas identificadas na pesquisa.

Essa articulação entre recursos tecnológicos e práticas interacionais é particularmente relevante em ambientes de inovação, caracterizados pela circulação de informações entre diferentes atores, com demandas e conhecimentos distintos. Conforme destacam Araújo, Silva e Varvakis (2017), a gestão dos fluxos informacionais em ambientes organizacionais dinâmicos depende da integração entre diferentes mecanismos de compartilhamento e uso da informação, e não da adoção isolada de ferramentas específicas. Dessa forma, os resultados indicam que as reuniões representam uma prática recorrente entre as incubadoras investigadas, embora os dados coletados não permitam estabelecer uma relação direta entre a realização desses encontros e a eficácia das decisões ou o desempenho das *startups*.

A formalização dos processos informacionais apresentou diferentes níveis entre as incubadoras investigadas. Em relação aos critérios para armazenamento, manutenção e eliminação das informações, nove das 15 incubadoras (60,0%) declararam possuir procedimentos formalizados que são seguidos pelos colaboradores, enquanto duas (13,3%) informaram possuir procedimentos formalizados, mas nem sempre seguidos. Outras duas incubadoras (13,3%) indicaram a existência de procedimentos padronizados ainda não formalizados, e duas (13,3%) declararam não possuir procedimentos para essas atividades. Os resultados evidenciam, portanto, que a existência de mecanismos de organização da informação é recorrente no contexto investigado, embora sua formalização e aplicação não ocorram de maneira uniforme.

Essa heterogeneidade também aparece quando se considera especificamente a formalização da GI. Dez incubadoras (66,7%) declararam possuir procedimentos formais, sendo que quatro (26,7%) dispõem de manuais e diretrizes estabelecidos e seis (40,0%) adotam procedimentos formais de maneira flexível e adaptável. Em contrapartida, quatro incubadoras (26,7%) informaram realizar a GI de maneira informal e uma (6,7%) declarou não possuir conhecimento suficiente para responder à questão. Esses dados sugerem que a formalização não deve ser compreendida como uma condição homogênea ou binária, mas como um processo que assume diferentes graus de institucionalização entre as organizações pesquisadas.

As respostas abertas reforçam essa interpretação. Um dos participantes relatou a coexistência de diferentes orientações informacionais provenientes da rede de incubação, da instituição mantenedora e da própria gestão da incubadora, observando que “há divergências de processos/fluxos entre eles” (I2). O relato evidencia que a existência de regras e procedimentos formais não implica, necessariamente, a integração dos fluxos informacionais ou sua incorporação uniforme pelos diferentes atores organizacionais. À luz de Choo (2006), esse resultado permite compreender a formalização como parte de um processo organizacional mais amplo, no qual estruturas, práticas e usos da informação precisam estar articulados para que a informação seja efetivamente incorporada às atividades da organização.

Essa interpretação aproxima-se das discussões de Ottonicar, Souza e Valentim (2021) sobre a importância das competências relacionadas ao uso e apropriação da informação em organizações inovadoras. Para os autores, a existência de recursos e práticas informacionais precisa estar associada à capacidade dos indivíduos e grupos de reconhecer, compreender e utilizar as informações em seus contextos de atuação. Nesse sentido, os resultados desta pesquisa sugerem que a coexistência entre procedimentos formalizados e práticas percebidas como informais não representa necessariamente ausência de GI, mas evidencia diferentes níveis de apropriação e institucionalização dos processos informacionais nas incubadoras investigadas.

Considerando conjuntamente as evidências relacionadas ao uso de recursos tecnológicos, ao compartilhamento de informações e à formalização dos processos informacionais, o Quadro 1 sintetiza as principais práticas identificadas nas incubadoras investigadas, bem como sua frequência de ocorrência. A sistematização permite visualizar não apenas a recorrência dessas práticas, mas também os diferentes níveis de formalização e integração da GI observados entre as organizações participantes.

Quadro 1 – Síntese das práticas de Gestão da Informação identificadas nas incubadoras investigadas

Dimensão analisada	Evidência empírica	n	%	Leitura analítica
Recursos tecnológicos	Utilização de plataformas de colaboração online entre as ferramentas de GI	9	60,0	As plataformas digitais estão presentes em parcela relevante das incubadoras, mas sua adoção não é generalizada.
Compartilhamento interno	Utilização de plataformas colaborativas online para compartilhamento de informações	9	60,0	O compartilhamento digital constitui um mecanismo recorrente de circulação da informação.
Compartilhamento entre <i>startups</i>	Realização de reuniões periódicas para compartilhamento de informações	13	86,7	As reuniões constituem o mecanismo mais recorrente identificado para interação informacional entre as <i>startups</i> .
Compartilhamento interno	Realização de reuniões periódicas entre os membros das incubadoras	12	80,0	A circulação da informação combina mecanismos tecnológicos e interações entre os participantes.
Organização da informação	Procedimentos de armazenamento, manutenção e eliminação formalizados e seguidos	9	60,0	A maioria apresenta algum nível de estruturação dos procedimentos relacionados ao tratamento da informação.
Formalização da GI	Existência de procedimentos formais	4	26,7	A formalização mais estruturada ainda ocorre em

Dimensão analisada	Evidência empírica	n	%	Leitura analítica
	com manuais e diretrizes estabelecidos			parcela restrita das incubadoras.
Formalização da GI	Existência de procedimentos formais, porém flexíveis e adaptáveis	6	40,0	Parte significativa das organizações combina formalização com flexibilidade nos processos informacionais.
Informalidade da GI	Gestão da Informação realizada predominantemente de maneira informal	4	26,7	A permanência de práticas informais evidencia diferentes níveis de institucionalização da GI.
Integração estratégica	Gestão da Informação parcialmente integrada à estratégia organizacional	7	46,7	A integração entre GI e estratégia ocorre predominantemente de maneira parcial.
Integração estratégica	Gestão da Informação totalmente integrada à estratégia organizacional	1	6,7	A plena integração estratégica da GI aparece como situação pouco recorrente no conjunto investigado.

Fonte: dados da pesquisa (2024).

Os resultados sintetizados no Quadro 1 evidenciam que a presença de práticas de GI no cotidiano das incubadoras não corresponde, necessariamente, à sua plena institucionalização ou integração à estratégia organizacional. Embora sejam recorrentes mecanismos de compartilhamento, como reuniões periódicas e plataformas colaborativas, o grau de integração entre a GI e as estratégias das incubadoras mostrou-se predominantemente parcial. Entre as 15 organizações investigadas, sete (46,7%) classificaram essa integração como parcial, quatro (26,7%) como reduzida e apenas uma (6,7%) como total. Uma incubadora (6,7%) declarou não haver integração, enquanto dois gestores (13,3%) informaram não possuir conhecimento suficiente para avaliá-la. Esses resultados evidenciam uma diferença entre a utilização cotidiana de práticas informacionais e sua incorporação sistemática aos processos estratégicos das organizações.

Os dados também revelam condições que podem limitar o desenvolvimento da GI nas incubadoras. As limitações orçamentárias para investimentos em tecnologia foram assinaladas por 12 das 15 participantes (80,0%), constituindo o desafio mais recorrente identificado na pesquisa. Dificuldades relacionadas ao acesso a recursos tecnológicos, à capacitação e à disponibilidade de profissionais qualificados também foram mencionadas, embora com menor frequência. Além disso, seis incubadoras (40,0%) indicaram não possuir processo formal de monitoramento e avaliação das práticas de GI.

Em relação às tecnologias emergentes, 8 organizações (53,3%) classificaram sua adoção como limitada, três (20,0%) declararam não adotá-las e quatro (26,7%) indicaram nível moderado de adoção. Nenhuma das incubadoras informou nível intensivo ou avançado de incorporação dessas tecnologias. O conjunto desses resultados aponta para um cenário em que a utilização de recursos e práticas informacionais convive com limitações estruturais e diferentes níveis de desenvolvimento da GI.

Essa configuração permite relativizar uma compreensão da GI centrada exclusivamente na disponibilidade de tecnologias ou na existência de procedimentos formais. Davenport (1998) chama atenção para a necessidade de compreender o ambiente informacional de forma integrada, considerando, além da tecnologia, os processos, as pessoas e os comportamentos relacionados à informação. De forma complementar, Choo (2003, 2006) e Beal (2004) ressaltam que a informação adquire valor organizacional à medida que é incorporada aos processos de interpretação, compartilhamento e tomada de decisão.

Estudos mais recentes reforçam essa perspectiva ao compreender a informação como um recurso estratégico nos ambientes de inovação, cuja utilização depende da articulação entre diferentes fontes, atores e processos organizacionais (Damian *et al.*, 2025). À luz dos resultados desta pesquisa, observa-se que as incubadoras investigadas apresentam mecanismos de produção, organização e circulação da informação, porém em diferentes níveis de formalização e integração estratégica. Assim, mais do que indicar a existência ou ausência de práticas de GI, os achados evidenciam uma configuração heterogênea, na qual práticas recorrentes coexistem com processos ainda parcialmente institucionalizados.

4.1 Recomendações derivadas dos achados empíricos e da literatura

A partir dos resultados apresentados, foram elaboradas recomendações voltadas ao aprimoramento da GI nas incubadoras de negócios de base tecnológica. Essas recomendações não correspondem, necessariamente, a práticas diretamente observadas em todas as organizações investigadas, mas resultam da articulação entre as evidências empíricas obtidas na pesquisa e os referenciais teóricos mobilizados no estudo. Dessa forma, busca-se distinguir os

achados provenientes do campo das proposições formuladas pelos autores a partir de sua interpretação.

As recomendações procuram responder a aspectos evidenciados pela pesquisa, como os diferentes níveis de formalização dos processos informacionais, a integração ainda parcial da GI à estratégia organizacional, as limitações relacionadas à infraestrutura e aos recursos disponíveis e a coexistência de diferentes mecanismos de compartilhamento da informação. A literatura especializada é utilizada, nesse contexto, para ampliar a interpretação desses resultados e subsidiar possíveis estratégias de aprimoramento, sem que as proposições sejam apresentadas como resultados diretamente observados nas incubadoras participantes.

Os resultados indicaram diferentes níveis de formalização da GI entre as incubadoras, incluindo organizações com procedimentos formalizados, práticas flexíveis e situações em que a GI ainda ocorre predominantemente de maneira informal. A partir desses achados e das contribuições de Valentim (2002) e Braga (2000), a padronização de determinados procedimentos pode contribuir para maior clareza e consistência dos fluxos informacionais, sem eliminar a flexibilidade necessária ao contexto das incubadoras. Nesse sentido, sugere-se:

- Desenvolver manuais de boas práticas: criar documentos acessíveis que descrevam fluxos informacionais e orientem os colaboradores sobre como capturar, armazenar, processar e compartilhar informações.
- Implementar sistemas de gestão padronizados: utilizar ferramentas como *Enterprise Resource Planning* (ERPs) ou *Customer Relationship Management* (CRMs) que centralizem informações e promovam a integração entre setores.
- Capacitação contínua: realizar *workshops* regulares para os colaboradores, assegurando a adesão às práticas estabelecidas e a atualização sobre novos métodos e ferramentas.

Figura 1 – Representação gráfica das sete propostas de iniciativas para aplicação da Gestão da Informação, baseadas em evidências teóricas e empíricas



Fonte: elaborada pelos autores (2025).

Os dados também indicam desafios relacionados à disponibilidade de profissionais qualificados e à capacitação das equipes para lidar com práticas e ferramentas de GI. Considerando esses achados, a **formação multidisciplinar** e o desenvolvimento de competências específicas podem contribuir para ampliar a capacidade das incubadoras de analisar, interpretar e utilizar informações em seus processos organizacionais. Nesse sentido, recomenda-se:

- Capacitação em análise de dados e tecnologias emergentes: promover em treinamentos sobre relacionados à análise de dados, Inteligência Artificial, *Big Data*, métodos ágeis.
- Promoção de equipes multidisciplinares: incentivar a integração de profissionais de diferentes áreas, como Administração, Engenharia de Produção, Sistemas de Informação, para abordar problemas sob múltiplas perspectivas.
- Estabelecimento de parcerias com universidades e centros de pesquisa: facilitar o acesso a conhecimento especializado por meio de colaborações com estudantes e professores.

No que se refere à **qualidade da informação**, verificaram-se diferentes práticas de avaliação e verificação entre as incubadoras, embora a análise da credibilidade das fontes ainda não se mostre plenamente disseminada entre as

organizações participantes. Considerando esse cenário e as contribuições de Mendonça e Varvakis (2018), recomenda-se:

- Criação de *checklists* para avaliação de fontes: padronizar critérios para análise de relevância, credibilidade e atualização da informação, facilitando a validação por diferentes equipes.
- Adotar práticas de triangulação de informações: comparar dados provenientes de fontes distintas para aumentar a confiabilidade e reduzir possíveis erros.
- Incorporação gradual de tecnologias de apoio à validação: avaliar a adoção de recursos tecnológicos, incluindo ferramentas baseadas em Inteligência Artificial e aprendizado de máquina, como apoio complementar aos processos de análise e verificação das informações, considerando a capacidade tecnológica e organizacional de cada incubadora.

O **monitoramento do ambiente externo** constitui outra dimensão relevante da GI nas incubadoras, especialmente para a identificação de tendências de mercado, oportunidades e mudanças que possam afetar os empreendimentos apoiados. Considerando as diferenças observadas entre as organizações quanto à realização desse monitoramento, recomenda-se:

- Uso de plataformas de inteligência de mercado: ferramentas como o *Google Trends*, *SEMrush* ou *LinkedIn Sales Navigator* podem ser utilizadas para mapear tendências e identificar oportunidades de mercado.
- Estabelecimento de comitês regulatórios internos: quando compatível com a estrutura da incubadora, definir profissionais ou equipes responsáveis pelo acompanhamento de mudanças legislativas e regulatórias que possam afetar os empreendimentos apoiados.
- Organização de eventos de *benchmarking*: promover encontros entre *startups* para compartilhar boas práticas e informações sobre o ambiente competitivo.

A **modernização dos mecanismos de armazenamento e compartilhamento** pode contribuir para ampliar a acessibilidade, a organização e a segurança das informações utilizadas pelas incubadoras. Considerando a diversidade de soluções identificadas entre as organizações investigadas, recomenda-se:

- Adoção de soluções híbridas de armazenamento: avaliar a combinação de serviços em nuvem e sistemas locais, considerando requisitos de acessibilidade, segurança, custos e necessidades específicas de cada incubadora.
- Estabelecimento de protocolos de compartilhamento externo: criar acordos de confidencialidade e políticas claras para proteger dados sensíveis ao colaborar com parceiros e outras organizações.
- Utilização de plataformas colaborativas: ferramentas como *Slack*, *Microsoft Teams* ou *Notion* podem facilitar o compartilhamento interno e externo de informações em tempo real.

A **cultura de compartilhamento** constitui uma dimensão relevante para a circulação das informações e para a interação entre os diferentes participantes das incubadoras. Considerando a elevada recorrência de reuniões periódicas e de outros mecanismos de compartilhamento identificados na pesquisa, recomenda-se:

- Criação de comunidades de prática internas: espaços dedicados onde colaboradores possam compartilhar experiências, dificuldades e boas práticas.
- Reconhecimento de boas práticas de compartilhamento: incentivos, como prêmios ou menções, podem ser dados a colaboradores que contribuam significativamente para a disseminação de informações.
- Gamificação de processos internos: avaliar a utilização de elementos de gamificação, como pontuações, metas ou formas de reconhecimento, como estratégia complementar para estimular o compartilhamento de informações e experiências.

A **atuação das incubadoras** em articulação com outros atores do ecossistema de inovação pode ampliar as possibilidades de circulação de informações, estabelecimento de parcerias e desenvolvimento de ações colaborativas. Considerando a presença de redes de colaboração e de interação com parceiros entre as incubadoras investigadas, recomenda-se:

- Parcerias com *hubs* de inovação e aceleradoras: ampliar a integração entre diferentes agentes do ecossistema, promovendo uma troca contínua de conhecimentos.
- Organização de eventos e *hackathons*: proporcionar oportunidades para *startups*, universidades e outros atores desenvolverem soluções colaborativas.
- Criação de indicadores de impacto: definir indicadores que permitam monitorar a implementação e o desenvolvimento das práticas de GI, bem como sua articulação com as atividades de apoio às *startups* incubadas.

As propostas apresentadas resultam da articulação entre as evidências empíricas da pesquisa e as contribuições da literatura, constituindo possibilidades de aprimoramento da GI no contexto das incubadoras de base tecnológica. Sua adoção deve considerar as características, capacidades e necessidades de cada organização. Nesse sentido, as iniciativas podem contribuir para o fortalecimento dos processos informacionais e para uma maior integração da GI às estratégias das incubadoras, sem que sejam compreendidas como soluções universais ou como práticas cuja efetividade tenha sido testada neste estudo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar as práticas de GI adotadas pelas incubadoras de negócios de base tecnológica de Santa Catarina, identificando seus desafios e propondo melhorias que possam contribuir para o aprimoramento dos processos informacionais dessas organizações. Fundamentado nos modelos de Choo (2003, 2006), Beal (2004), Davenport (1998) e Valentim (2002), o estudo permitiu observar como diferentes dimensões da GI se manifestam no contexto das incubadoras investigadas.

O estudo revelou um panorama heterogêneo nas práticas de GI. Entre as práticas identificadas, destacam-se o uso de plataformas colaborativas digitais, a realização de reuniões periódicas e a existência de procedimentos voltados à organização e ao compartilhamento das informações. Entretanto, essas práticas apresentam diferentes níveis de formalização e integração estratégica, indicando que a presença de recursos tecnológicos e procedimentos informacionais não implica, necessariamente, a plena institucionalização da GI.

Também foram identificados desafios relacionados à integração entre as práticas de GI e os objetivos estratégicos das incubadoras, à capacitação das equipes, ao monitoramento dos processos e à adoção de tecnologias emergentes. A partir desses resultados e dos referenciais teóricos adotados, foram elaboradas propostas voltadas ao aprimoramento dos processos informacionais, considerando as características e necessidades específicas das organizações investigadas.

Do ponto de vista teórico, o estudo contribui ao aproximar modelos consolidados de GI das práticas observadas em incubadoras de negócios de base tecnológica. Os resultados evidenciam que a GI nesses ambientes envolve a articulação entre aspectos tecnológicos, organizacionais e humanos, apresentando diferentes níveis de formalização e integração estratégica. Essa constatação amplia a compreensão sobre a forma como os processos informacionais se configuram em ambientes de incubação, marcados pela flexibilidade, interação em rede e diversidade de práticas organizacionais.

A pesquisa apresenta limitações relacionadas ao escopo geográfico restrito às incubadoras de Santa Catarina, à taxa de resposta de 60% e à utilização da perspectiva dos gestores como principal fonte de dados. A abordagem transversal também não permitiu acompanhar a evolução das práticas ao longo do tempo. Estudos futuros podem ampliar o escopo geográfico, incorporar diferentes fontes de evidência e realizar análises longitudinais, além de aprofundar a investigação sobre a adoção de tecnologias emergentes nos processos de GI.

A GI constitui, portanto, uma dimensão relevante para o funcionamento das incubadoras de negócios de base tecnológica. Os resultados mostram que sua presença ocorre de maneira heterogênea entre as organizações investigadas, especialmente quanto à formalização e à integração das práticas

informacionais aos processos estratégicos. As propostas apresentadas podem subsidiar o aprimoramento dessas práticas, respeitando as particularidades e capacidades de cada incubadora.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE TECNOLOGIA [ACATE]. **Tech report 2021**. Panorama setor de tecnologia catarinense 2021. Florianópolis: ACATE, 2021. Disponível em: <https://www.acate.com.br/noticias/santa-catarina-tem-salto-de-632-no-numero-de-empresas-de-tecnologia-em-cinco-anos-maior-crescimento-do-pais>. Acesso em: 04 set. 2026.
- ARAÚJO, Wánderon Cássio Oliveira; SILVA, Edna Lúcia da; VARVAKIS, Gregório. Fluxos de informação em projetos de inovação: estudo em três organizações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 22, n. 01, p. 57-79, 2017. DOI <https://doi.org/10.1590/1981-5344/2601>.
- AZEVEDO, Ingrid Santos Cirio de; TEIXEIRA, Clarissa Stefani. (org.). As Incubadoras de Santa Catarina. Florianópolis: Perse, 2018. Disponível em: <https://via.ufsc.br/wp-content/uploads/2018/04/e-book-Perfil-das-Incubadoras-de-SC.pdf>. Acesso em: 02 set. 2026.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BEAL, Adriana. **Gestão Estratégica da Informação**: como transformar a informação e a tecnologia da informação em fatores de crescimento e de alto desempenho nas organizações. São Paulo: Atlas, 2004.
- BEDIN, Jéssica. Perspectivas para profissionais da informação em incubadoras de empresas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 418-429, 2018. Disponível em: <https://revista.acb.org.br/racb/article/view/1480>. Acesso em: 02 set. 2026.
- BELLUZZO, Regina Celia Baptista. Bases teóricas de Gestão da Informação: das origens aos desafios na sociedade contemporânea. **Palavra Chave (La Plata)**, v. 7, n. 1, 2017. Disponível em: https://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1853-99122017000200002. Acesso em: 02 set. 2026.
- BRAGA, Ascensão. A Gestão da Informação. **Revista Millenium**, n. 19, p. 341-351, jun. 2000. Disponível em: <https://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/903>. Acesso em: 16 jan. 2025.
- BURTET, Giani; FONTANELA, Cristiani. A gestão dos direitos de propriedade intelectual: análise das incubadoras de base tecnológica no estado de Santa Catarina. **Revista Justiça do Direito**, v. 36, n. 3, p. 300-323, set./dez. 2022.

CHOO, Chun Wei. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. Tradução Eliana Rocha. 2. ed. São Paulo: SENAC, 2006.

CHOO, Chun Wei. **Gestão de informação para a organização inteligente**: a arte de explorar o meio ambiente. Lisboa: Caminho, 2003.

DAMIAN, Ieda Pelógia Martins *et al.* A construção do conceito de informação para inovação: abordagens a partir de uma revisão sistemática de literatura. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 23, p. e025030, 2025. DOI <https://doi.org/10.20396/rdbci.v23i00.8680161>.

DAVENPORT, Thomas H. **Ecologia da informação**: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. São Paulo: Futura, 1998.

FERREIRA, Mauro Pacheco *et al.* Gestão por indicadores de desempenho: resultados na incubadora empresarial tecnológica. **Production**, v. 18, n. 2, p. 302-318, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prod/a/JYYPy6K4chhTNftLCMHbXkp/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

FONSECA, Flavia de Souza Magalhães; BARBOSA, Ricardo Rodrigues; PEREIRA, Frederico Cesar Mafra. Uso de fontes de informação por gestores de startups. **Perspectivas em ciência da informação**, Belo Horizonte, v. 24, n. 01, p. 84-102, 2019. DOI <https://doi.org/10.1590/1981-5344/3492>.

HACKETT, Sean M.; DILTS, David M. A systematic review of business incubation research. **The Journal of Technology Transfer**, v. 29, n. 1, p. 55-82, 2004. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023/B:JOTT.0000011181.11952.0f>. Acesso em: 02 set. 2026.

LAUDON, K. C.; LAUDON, Jane P. **Management of Information Systems**: a contemporary perspective. New York: MacMillan, 1996.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MENDONÇA, Thais Carrier; VARVAKIS, Gregório. Análise do uso da informação para tomada de decisão gerencial em gestão de pessoas: estudo de caso em uma instituição bancária. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 104-119, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/YPCyXpvijRrnFDsL3WCGkGh/>. Acesso em: 24 jan. 2025.

MIAN, Sarfraz; LAMINE, Wadid; FAYOLLE, Alain. Technology Business Incubation: An overview of the state of knowledge. **Technovation**, v. 50, p. 1-12, 2016. DOI <https://doi.org/10.1016/j.technovation.2016.02.005>.

OTTONICAR, Selma Leticia Capinzaiki; SOUZA, Leonardo Pereira Pinheiro de; VALENTIM, Marta Lúgia Pomim. A competência em informação no contexto das startups. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 17, p. 1-21, 2021. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1505>. Acesso em: 02 set. 2026.

PEREIRA, Vinicius. **Gestão da informação e do conhecimento em núcleo de Economia Solidária**. 2023. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Campus de São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/17964>. Acesso em: 24 jun. 2024.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. [S. l.]: Editora Feevale, 2013.

REZENDE, Yara. Informação para negócios: os novos agentes do conhecimento e a gestão do capital intelectual. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 75-83, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/shLjh4zYsS6yqfTpLrt5PSN/?lang=pt>. Acesso em: 24 jun. 2024.

SANTOS, Patricia Siqueira. **Modelo de gestão da informação para negócios sociais: estudo em Florianópolis, Capital Lixo Zero**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/227122>. Acesso em: 04 set. 2026.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS [SEBRAE]; ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ENTIDADES PROMOTORAS DE EMPREENDIMENTOS INOVADORES [ANPROTEC]. **Ecossistemas de empreendedorismo inovadores e inspiradores**. Brasília (DF): SEBRAE, 2020. Disponível em: <https://informativo.anprotec.org.br/estudoecossistemas>. Acesso em: 24 jan. 2025.

SENA, Priscila Machado Borges; VIANNA, William Barbosa; BLATTMANN, Ursula. Aproximações conceituais entre informação, tecnologia e inovação no contexto das startups: desafios interdisciplinares para Ciência da Informação. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 17, p. e019002, 2019. DOI <https://doi.org/10.20396/rdbci.v17i0.8653356>.

STOROPOLI, José Eduardo; BINDER, Marcelo Pereira; MACCARI, Emerson Antônio. Incubadoras de empresas e o desenvolvimento de capacidades em empresas incubadas. **Revista de Ciências da Administração**, v. 15, n. 35, p. 36-51, 2013. DOI <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2013v15n35p36>.

TEECE, David J. Explicating dynamic capabilities: the nature and microfoundations of (sustainable) enterprise performance. **Strategic management journal**, v. 28, n. 13, p. 1319-1350, 2007. DOI <https://doi.org/10.1002/smj.640>.

VALE, Mariene Alves do. **Diretrizes para Gestão da Informação em empresas juniores**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/227115>. Acesso em: 16 jan. 2025.

VALENTIM, Marta Lúcia Pomim. **Formação do Profissional da Informação**. São Paulo: Polis, 2002. Disponível em: <https://abecin.org.br/wp-content/uploads/2021/03/Formacao-do-profissional.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2025.

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de natureza pessoal, financeira, intelectual, profissional, política ou religiosa relacionados à realização e à publicação deste estudo.

CONTRIBUIÇÕES DAS AUTORIAS

Informa-se nesta seção as funções de cada pessoa autora, de acordo com a [taxonomia CRediT](#), conforme orientado na página da revista PCI:

Função	Definição
Conceituação	Eurizon Oliveira Neto.
Curadoria de dados	Eurizon Oliveira Neto.
Análise Formal	Ana Clara Cândido.
Obtenção de financiamento	—
Investigação	Eurizon Oliveira Neto.
Metodologia	Eurizon Oliveira Neto.
Administração do projeto	—
Recursos	—
Software	—
Supervisão	Ana Clara Cândido.
Validação	Ana Clara Cândido.
Visualização [de dados (infográfico, fluxograma, tabela, gráfico)]	Eurizon Oliveira Neto.
Escrita – primeira redação	Eurizon Oliveira Neto.
Escrita – revisão e edição	Ana Clara Cândido.